# ASPECTOS HISTÓRICOS DA ALDEIA KUMARUMÃ (2000 a 2010)[1]

**Oberto Maciel Gabriel**[2]

## Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas na aldeia Kumarumã, localizada na Terra Indígena Uaçá entre o período de 2000 a 2010. Por isso procurei fazer um breve histórico sobre os povos indígenas do Amapá e norte do Pará, contexto que deu ênfase para o povo indígena Galibi Marworno, e para essa contextualização me utilizei dos registros de Tassinari (2003) e Gallois (2009). Ainda abordei os outros temas com teorias baseados nos textos de Lux Vidal (2009) e Ricardo (CEDI 1983). Essas reflexões serviram de embasamento teórico para este trabalho e serviu também de incentivo para realizar entrevistas com moradores da comunidade. Através de convivência cotidiana e experiência de vida, pude observar e analisar fatos marcantes que contribuíram para produzir esse trabalho de graduação.

Este trabalho está dividido em três partes: 1- Povos Indígenas do Amapá, 2- Origem da aldeia Kumarumã e 3- Transformações Históricas do Kumarumã. Inicialmente faço um breve contexto dos povos indígenas do Amapá no período colonial ao final do século XX. Depois escrevo a historia do surgimento do Kumarumã, falando das dificuldades, implantação da escola e a intenção do governo. Em seguida faço um levantamento geral sobre as mudanças históricas do Kumarumã, cito as novas perspectivas de vida, influencia da tecnologia e as conseqüências.

---

[1] Artigo elaborado como exigência de parte do trabalho final de curso, para obtenção do título de graduado em Licenciatura em Educação Escolar Indígena- habilitação em Ciências Humanas, pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Orientado pela professora Mestre Meire Adriana da Silva

[2] Galibi – Marworno, professor indígena do quadro estadual, lotado na escola I. E. Camilo Narciso – Kumarumã, aluno do curso de Licenciatura em Educação Escolar Indígena da UNIFAP.

## Ĩnthodusiõ

Sa ahtxig- la so objetiv a pu analizeh xãsmã dji lavi dji Kumahumã ia anẽ dji de mil pu de mil dis. Sa vilaj- la ka localizer la hezev Uaçá. Pu sá mo sase hakõte an tximoso istuá dji nasiõ ẽdjẽ Amapá ke Norte do Pará. Sa istuá- iela a tã ki frãse ke potxige te ka bhuiga pu sa late-la. I ẽdjẽ-iela te la ie mitã djipi sa tã-la, i sa istuá-iela ka fe pa dji nasiõ ẽdjẽ Galibi Marworno.Sa istuá dji lõtã mo txibe la liv dji TASSINARI (2003) ke GALLOIS (2009). Mo ize osi uot liv dji LUX (2009) ke RICARDO (1983). Sa lide-iela siavi pu mo fe sa thavai-la, mo ĩsẽtxive ghãmun-iela hãkõte istuá dji Kumahumã. Mo ize mo konetmã, ke expehiãs dji lavi, pu mo puve finĩ sa thavai-la.

Sa thavai-la pataje la thoua pedas: Phomiẽ Pov Ẽdjẽ dji Amapá, deziem Istuá dji Vilaj Kumahumã, thouaziem Xãsmã Lavi dji Kumahumã. Mo ekhi tximoso tã kã uot nasiõ-iela hive Bhesil, jis la pás dji mil nefsã. La istuá dji Kumahumã mo ekhi djifikute ki ie kõthe, lekol ki SPI mete pu ẽdjẽ-iela ke ĩntẽsiõ dji guvelmã-la. La Xãsmã dji Kumahumã mo fe peskiz dji tut bagaj ki xãje la sa dis anẽ- iela. Mo mete kumã ie ka viv ke sa lavi ki Nov, si li bõ o si li pa bõ, si li xãje ie mês pu uot.

## 1 – Breve Histórico contemporâneo dos Povos Indígenas do Amapá

Os povos Indígenas no Amapá e Norte Pará já foram pesquisados por vários autores como Lux B. Vidal, Dominique Gallois, Artionka Capiberibe, Antonella Maria Tassinari, etc. Neste sentido utilizarei dessas pesquisas como embasamento teórico, principalmente sobre os povos indígenas do Oiapoque, enfocando-me especialmente aos Galibi Marworno.

Segundo Tassinari (2003) no século XVI aconteceu os primeiros registros sobre os povos indígenas da região, através de relatos de viajantes, expedições missionárias e colonizadores franceses, portugueses, holandeses e ingleses. Enfatiza sobre a posse portuguesa pelo território contestado entre Brasil e França. Sobre a história geral da região, informa sobre as diversas etnias indígenas dos troncos lingüísticos como Aruak, Karib e Tupi. Ao longo dos séculos estabeleceram alianças, fizeram trocas ou guerras. Foram perseguidos e refugiados, desapareceram varias etnias, outras se fundiram ou incorporaram a grupos maiores e outros se formaram. Este processo resultou na constituição dos atuais povos indígenas do Uaçá.

Seguindo os registros de Tassinari (2003), a autora descreve que no inicio do século XVI, Vicente Pinzón (1513) relatou e publicou que a região se chamava de Província Paricura. O Manuel de Valdorinos (1515) que dá ao próprio Amazonas o nome de Rio de Paricura. No inicio do século XVII, os trabalhos de Mocquet (1617) e D'Avity (1637) citam o país dos Caripous vizinho ao país dos Caribes. Então, desde o final do século XVI, a Bacia do Uaçá ficou conhecida, época em que os colonizadores realizaram várias expedições pelas as costas das Guianas. E no começo do século XVII já se iniciava as primeiras tentativas de colonização na região do Oiapoque, o primeiro foi à colônia inglesa fundada por Charles Leigh (1604), o "Principium" entre o Ouanari e a Oiapoque.

Os textos de Antonela (2003) informam que no século XVIII, os grupos indígenas sofreram pressões por todos os lados. Tanto pelos os portugueses como dos negros refugiados do Suriname e os próprios indígenas contra indígenas. Ainda neste século termina a grande ofensiva portuguesa para despovoar o território contestado. Ela enfatizou também que Coudreou, visitou a bacia do Uaçá no século XIX, no qual relatou que as vilas do Couripi, Ouassa e Roucaua constituíam verdadeiras aldeias de índios. E a maioria deles falava o patois de Caiena, mas afirma que eram falantes de seus idiomas específicos.

De acordo com registros de (GALLOIS, 2009), os povos indígenas do Amapá e Norte do Pará possuem uma historia em comum tanto na relação comercial como na política, casamento e rituais. Cita sobre a riqueza cultural durante o contato regional e que cada povo indígena é proveniente de diversos grupos étnicos, conforme relatos de viajantes do século XVII. Registrou que atualmente os povos indígenas vivem longe da costa litorânea do Amapá é resultado das fugas na época da colonização do século XVII. Na virada do século XX foram contatados por extrativistas, viajantes e missionárias e várias doenças foram sendo transmitidas por eles, causando baixa redução de população.

É através dessa situação os órgãos governamentais começaram a implantação política assistenciais na área de saúde e educação. Na região do Uaçá essas medidas iniciaram a partir de 1930 com a instalação de um posto do SPI (Serviço de Proteção ao Índio). E no Oiapoque em 1942. Nas demais regiões iniciaram a partir dos anos de

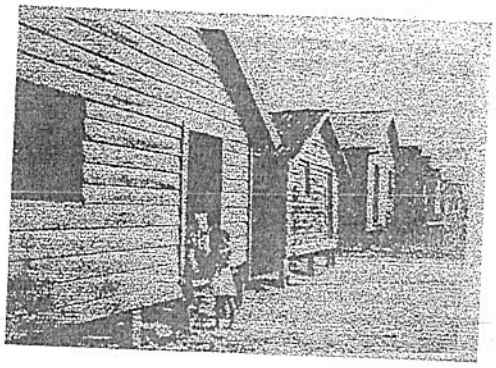
1960. Entre os Tiriyó a Missão Franciscana se instala em 1961, entre os Aparai e os Wayana a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) instala uma base do SIL (Summer Institute of Linguistics) em 1968. Quanto aos Wajãpi foram reconhecidos oficialmente pela FUNAI em 1973. Finalmente o contato entre os Zo'é iniciou em 1987 pela Missão New Tribes Mission / NTB, com atuação da FUNAI em 1989.

Conforme os relatos da Dominique (2009), existem 8 terras indígenas demarcadas que vai do Amapá ao Norte do Pará, sendo 7 homologadas onde vivem os dez grupos indígenas. Quanto à população em 2003 era em torno de 7.150 pessoas. Mas, entre os anos de 2007 a 2008 as populações da região somam um total de 8.204 pessoas. No Amapá as etnias Karipuna, Palikur e Galibi Marworno vivem na Terra I. Uaçá, homologada pelo Decreto 298 (Diário Oficial da União em 31. 10. 91), e a T. I. Juminã, homologada (DOU 22. 05. 92). Os Galibi do Oiapoque habitam na T. I. Galibi, homologada pelo Decreto 87844 (DOU 22. 11. 82). Os Wajãpi habitam na T. I. Wajãpi, homologada pelo decreto 1.775 em 1996. Ao Norte do Pará os Aparai e Wayana habitam na T. I. Parque de Tumucumaque e a T. I. Rio Paru d'este, ambas homologadas pelo decreto 213 (DOU 04. 11. 97). Os Tiriyó e Kaxuyana habitam na faixa ocidental da T. I. P. de Tumucumaque. Os Zo'é habitam numa região entre os rios Erepecuru e Cuminapanema, T. Indígena demarcada em 2001 e aguarda a homologação.

Quanto aos Povos Indígenas de Oiapoque formada pelas as etnias Galibi Kalinã, Karipuna, Palikur e os Galibi Marworno que vivem em três terras indígenas demarcadas e homologadas, somam hoje uma população de 6.521 pessoas fixas dentro das aldeias. Conforme censo da FUNAI Oiapoque, são nove mil índios incluindo os que vivem na cidade de Oiapoque e São Jorge. Em Kumarumã conforme os dados populacionais do Pólo Base de saúde existem atualmente 1.893 moradores fixos. Os Galibi Marworno não possuem parentesco com os Kalinã do Oiapoque, são descendentes de vários grupos como Caribe e Aruaque, provenientes das Guianas, também das etnias Marworno e Aruã hoje extintos da região. Eles falam o patoá crioulo e poucas palavras do antigo "Galibi". Vivem no rio Uaçá desde a época do SPI, Possui mais de 2.000 mil pessoas distribuídas nas aldeias de Anawerá, Tukay, Samaúma, Uahá, Aruatu e Kumarumã.

## 2 - Origem da aldeia Kumarumã

Kumarumã esta localizada na margem esquerda do Rio Uaçá, onde vivem os Galibi Marworno na maior aldeia da Terra Indígena Uaçá, Município de Oiapoque, Estado do Amapá próximo da fronteira Brasil com Guiana Francesa. Possui aproximadamente 2000 mil pessoas, com 350 famílias e 240 casas de moradias. As distribuição das casas em grande parte da aldeia são bem próximas umas das outras, conforme foto abaixo:



Rircardo (1983)

Segundo antropólogos, missionários, lingüistas e indigenistas, a Vila de Kumarumã surgiu a partir da implantação da educação escolar como é citado por Ricardo no livro Povos Indígenas no Brasil, (CEDI, 1983:44). O autor citou também que a aldeia recebeu este nome por ter sido o local de moradia de um antigo "capitão". Mas segundo os moradores mais velhos da comunidade, o nome Kumarumã surgiu através de um pajé que se chamava "Arumã", o qual pertencia um antigo grupo indígena conhecido por raça[3] "Arakarê", atualmente extinto da região, dizem que eram da etnia Palikur. Portanto, na época Kumarumã era local de moradia onde vivia com sua família.

Antes da atuação do SPI, o governo brasileiro já se preocupava com moradores da região, mas os indígenas do vale do Uaçá formadas por etnias diferentes não possuíam o mesmo modo de vida, portanto a preocupação do

[3] Esta palavra é comum no vocabulário dos Galibi Marworno, pois quando se dirige a palavra para alguém não se trata de ofender esta pessoa, a sociedade interpreta de forma legal.

governo era exatamente por habitarem uma área de fronteira e por isso a intenção era a união de todos numa única povoação. Essa política indigenista foi feita entre os Galibi Marworno na tentativa de agrupá-los na aldeia de Kumarumã, conforme o relato:

> Desde 1930 os órgãos de proteção oficial já exerciam influência crescente sobre o modo de vida dos índios, mas as primeiras tentativas do governo brasileiro era justamente o reagrupamento de todas as populações indígenas do vale do Uaçá. Porém, em 1936, a Inspetoria Especial de Fronteiras enviou o emissário Major L. Thomas Reis, exatamente para analisar a possibilidade de uni-los numa única povoação, com objetivo de reaproveitá-los como guardas de fronteira. E. Arnaud, 1969 (Apud, RICARDO, 1983:42, 43)

Entretanto, durante a primeira viagem do emissário Major L. Thomas Reis observou a impossibilidade da união dos índios num só lugar, além de considerar as características do meio ambiente e as manifestações contrario dos índios. Ele ainda relata sobre os Galibi do Uaçá, "são ordeiros e pacíficos, vivendo satisfeitos e não desejando nenhuma alteração quanto ao seu modo de vida", (Arnaud, 1969: 11). CEDI, 1983: 43. O autor ainda ressalta que durante um período os Galibi Marworno viveram dispersos em várias aldeias nas margens do alto rio Uaçá, e posteriormente eles voltariam a se concentrar numa nova vila, o Kumarumã.

Conforme o relato de moradores como o senhor Eurico Narciso, posso confirmar que existiram várias aldeias, onde viviam grupos familiares entre laços de relação muito estreita. As aldeias se localizavam da vila do Tõ, (a "mutuca") até a vila de Santa Maria do Galibi, atual Kumarumã. Citarei outras aldeias ao longo desse trecho como: Dolohik, Djiab, Manezin, Takaka, Urucum, Urussu, Biskot, Uahaku, Pom, Okô, Kalẽbê, Kaxiuahi, Arãpuk, Mahipá, Zile Pos, Mapapwen, Tapamuhu etc. O Vie Vil (Vila Velha) era a maior aldeia e foram seus primeiros moradores que habitaram o Kumarumã. Todas essas e outros vilarejos foram se extinguindo a partir da atuação do SPI na região. Hoje esses lugares são os retiros onde estão localizados os roçados.

Enquanto o SPI atuava na tentativa de reagrupar os indígenas da região, através das leis determinadas pelo governo o qual tinha que cumprir, assim seria mais fácil

administrar. Entre os Galibi Marworno do Rio Uaçá não foi diferente aos poucos a concentração em Kumarumã foi acontecendo com certa resistência. Mas através dessa imposição do Governo, por meio do SPI encontrou dificuldade no inicio e se deparou com situação contrario da realidade desses povos.

Principalmente aos Galibi Marworno, no inicio começaram a sofrer explorações capitalistas. Desde dessa época aumentava as penetrações do invasor não índio no território indígena, com finalidades econômicas. Porém, durante esse período muitas coisas desagradáveis aconteceram segundo o Sr. Lucival Roberto dos Santos (Técnico em microscopistas Galibi- Marworno) informou que o filho de criação do "Eurico Fernandes", o Raimundo Fernandes, vulgo "Raimundinho" na época era ele que administrava o posto encruzo, disse também que o Sr. Eurico Fernandes parava mais em Belém do Pará e de lá davam as instruções para o filho como ele deveria administrar. O mesmo além de abusar de sua autoridade, aplicava normas irregulares, desrespeitava os indígenas, impondo ideologia de autoridade e influenciava algumas lideranças a ser autoritário. Ele ainda era desordeiro nas festas, influenciava a bebida alcoólica, na época não existia embarcação motorizada e os índios o transportavam dentro de um barco a remo de uma aldeia para outra, principalmente no período das festas.

Assim o SPI, nessa primeira fase de sua atuação, não desenvolveu nenhum programa assistencial; no inicio, o órgão atuava por intermédio de um único Delegado para toda a área do Uaçá, (CEDI 1983: 43). Porém, com a implantação da escola em 1945, através do SPI, o Kumarumã começou a ganhar sua originalidade. Mas em Kumarumã a população mais antiga não tem uma boa lembrança no tempo do SPI. O órgão não deu muito assistência para eles apenas fiscalizava os índios e davam punição quando cometiam infratores, proibia os índios comercializar seus produtos em Oiapoque e Saint George (Guiana Francesa).

Felizardo dos Santos (Ex- Vereador Galibi- Marworno) relatou que durante esse período as lideranças tiveram uma missão quase impossível, o agrupamento das famílias para o Kumarumã, foi muito difícil convencê-los para deixarem seus lugares de origem. Na maioria das vezes durante a missão, ao chegarem aos vilarejos às mulheres, crianças, jovens e alguns adultos se debandavam para dentro da mata, somente alguns velhos que permaneciam para ouvir e conversar com a equipe de lideranças e o chefe do SPI. O

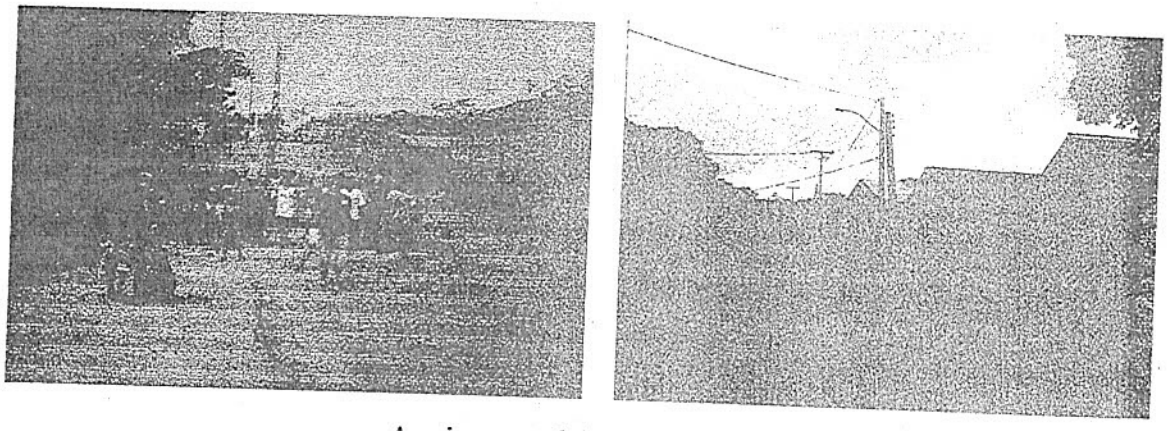
objetivo desse contato era para informá-los sobre a implantação da escola na Vila Kumarumã, e a pedido do Governo todas as crianças indígenas deveriam ir para a escola para aprender a ler e escrever em português.

No inicio os indígenas da região ainda com pressentimentos de ser escravizado não aceitavam diretamente o contato, e com isso eles não tinham muita relação entre outras famílias. Mas a preocupação do governo inclusive era a fuga dos índios para o lado Frances, através disso foram obrigados a ficar num só lugar que seria mais fácil de conduzi-los.

Ele ainda informou sobre sua participação na conquista dessas famílias para o deslocamento até a nova Aldeia, disse que na época foi convidado pelo Cacique do Kumarumã, o Sr. Manoel Floriano Marcial, e fizeram varias missões para conscientizar todas essas pessoas. Porém, por volta de 1960 à aldeia já estava completamente formada, mas segundo o ex-vereador nesse período havia famílias que não deixaram suas moradias para ir morar em Kumarumã, apenas os filhos se deslocavam até a aldeia para estudarem e aos finais de semana retornavam com suas famílias. Portanto, conforme minhas fontes de pesquisas a aldeia Kumarumã se originou a partir da implantação da escola e através das lutas das lideranças que conseguiram convencer varias famílias a vir e formar a atual Kumarumã. Esta é a realidade que foi realmente comprovada, no começo foi difícil induzir a todos. Mas, atualmente a aldeia esta basicamente estruturada e possui quase dois mil habitantes. Incluindo aldeia Aruatú, localizada numa pequena ilha próxima do Kumarumã, é habitada por seis famílias e estão ligados a todos os benefícios do kumarumã. E hoje já estão pensando em fundar outras novas aldeias como: Par Aiko, Soraimom e Uarapiranga. Provavelmente um possível desmembramento de grupos familiares.

## 3 - Transformações históricas da aldeia Kumarumã

Essa pesquisa esta baseada nas mudanças históricas mais atuais nos últimos dez anos do Kumarumã. Transformações que mudaram a qualidade de vida, mas, afetou e causou contradição na cultura tradicional desse povo. Por outro lado a tecnologia facilitou o meio de vida dos Galibi Marworno e prejudicando-os em alguns pontos na vida social. Porém, assim tratarei fatos que eles estão vivenciando nos últimos tempos. Segundo antropóloga Lux Vidal, em 1998 havia 1506 pessoas em Kumarumã com 163 casas ocupadas por seis a dez pessoas. Em 2010 a vila de Kumarumã esta muito próxima de 2.000 pessoas, com 240 casas. No centro da vila não há mais espaço para construção de novas casas e a aldeia esta crescendo na direção da pista de avião. Nesses últimos anos os moradores estão construindo casas de alvenaria que é a novidade para essa nova geração.



Arquivo pessoal de Oberto Maciel

As moradias mais antigas estão localizadas no primeiro bairro conhecido como ponta da Manga ou Capitão, nos outros bairros a maioria está sendo substituído por novas construções. Os Galibi Marworno possuem uma economia principalmente a base da agricultura, ou seja, produção da farinha de mandioca, seguindo de frutas, artesanatos e pequenas mercearias. A retirada de madeira, canoas, filhotes de animais, caçar e pescar não podem ser vendidos fora da aldeia, são comercializados dentro da comunidade. Antigamente todos esses produtos eram vendidos legalmente no Oiapoque e Saint Georges (Guiana Francesa). Há alguns anos a FUNAI, o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) e os agentes ambientais fiscalizam esses comércios ilegais.

Nos anos 1980 o principal meio de comunicação era uma radio fonia instalada no Posto Indígena Kumarumã da FUNAI, com uma antena parabólica e um aparelho de televisor instalado pela prefeitura no centro comunitário para toda a comunidade que só funcionava à noite quando tinha energia. Mas, em 1996 a APIO (Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque) através da FNS (Fundação Nacional de Saúde) instalou novos equipamentos de radio fonia nos pólos bases de saúde obtendo melhor freqüência com CASAI (Casa de Saúde do Índio) do Oiapoque e Macapá. Hoje em kumarumã a tecnologia esta presente entre os moradores a maioria deles possuem antena parabólica e um televisor, alem de outros eletrodomésticos como ventilador, DVD, micro system, maquina de lavar roupa, fogão a gás, freezer, entre outros etc. No final dos anos 1990 a TELEMAR (Telecomunicações Norte Leste S/A) construiu uma central de telecomunicação instalando oitos orelhões pelos cantos da comunidade e aproximadamente 30 linhas telefônicas nas casas.

Nos tempos atuais o mundo tem muitas redes de comunicação: radio, televisão, internet que liga os computadores do mundo. Nas aldeias do Oiapoque ficam sabendo das noticias do mundo através da televisão. Para os jovens de kumarumã isso é muito preocupante, com a modernização eles podem esquecer sua própria cultura e valorizar a cultura de fora. Como é citado no Currículo de Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas Karipuna e Galibi Marworno, "Muitos jovens de hoje contestam a tradição antiga e até a maneira de viver dos seus pais. Querem caminhos novos para se tornar modernos. Para isso acham que tem que esquecer a tradição. Isso faz com que a vida se torne vazia, sem referencial, sem valores." O autor ainda cita uma frase que diz: "tudo que é sólido desmancha no ar."pg. 14 da segunda parte do currículo.

Nesse caso a escola assume um papel fundamental para preparar os jovens diante desses fatores que possam prejudicá-los. Com avanço da tecnologia os meios de transportes se modernizaram entre os Galibi do Uaçá. Existem várias embarcações motorizadas, os professores indígenas do Kumarumã possuem seu próprio transporte fluvial e ainda na comunidade existem mais treze barcos de portes variados. Antigamente os índios da região não conheciam trausporte marítimo motorizado, o seu deslocamento de uma aldeia para outra era através de pequenos cascos ou canoas, navegavam o rio Uaçá até Oiapoque e Saint Georges dentro de batelão, uma grande canoa a remo, essa viagem durava por volta de sete dias. O primeiro barco motorizado

da comunidade foi a Santa Maria, compraram da FUNAI no inicio dos anos de 1980, hoje Kumarumã possui até pista de avião para casos de emergências de saúde e para outros fins.

Mas, apesar do avanço da tecnologia muitas famílias ainda vivem segundo padrão tradicional de sua cultura. Os homens antes de casarem, seus pais têm que conversar com os pais da moça, após o casamento passa a viver na casa dos pais de suas esposas por algum tempo. Segundo a Lux Vidal, as relações políticas das famílias eram prestigiadas quem conseguia reunir outros grupos para realização das festas tradicionais. Ainda citou que na época da visita do Marechal Rondon os chefes eram respeitados, e seus descendentes ainda vivem na região do Uaçá.

A política tradicional esta presente há muito tempo entre os Galibi Marworno. Em Kumarumã as decisões são sempre tomadas em conjunto, o cacique é assessorado pelo vice-cacique e por conselheiros da comunidade. Com a entrada da política partidária os índios do Uaçá se iludiram com as falsas promessas dos candidatos e eles beneficiavam somente algumas lideranças. Isso desestruturava a organização local, mas em momentos de crise, os índios agem em união e resistem até o fim. Vidal (2000) "Por isso os índios temem que qualquer mudança no governo possa prejudicá-los, o que de fato os torna muito dependentes da política".

Segundo Ricardo (1983:57) a primeira escola foi instalada em 1934 e parou de funcionar em 1937. Com a iniciativa do SPI, em 1945, as atividades escolares começaram ter uma importância mais marcante na vida dos Galibi Marworno, porém a escola foi um elo importante para o agrupamento das famílias e posteriormente a formação da aldeia Kumarumã. Mas, essa idéia de implantar escola para os índios era apenas uma desculpa para o agrupamento deles, por isso a escola foi contraditório pela maioria, muitas vezes as famílias eram forçados a levar seus filhos para estudarem e muitos jovens não resistiam o autoritarismo dos educadores, com isso alguns não queriam retornar, nesse caso, comprometiam seus pais a ponto de sofrer uma punição pelo chefe do SPI. Tudo isso é um fato marcante que desestruturou o modo de vida dos Galibi Marworno.

Atualmente os Galibi Marworno se interessam pela escola com objetivo de conhecer e acompanhar a evolução do mundo com intuito de viver um futuro melhor.

Porém, não se trata dos mesmos motivos no tempo do SPI e ainda não são forçados a freqüentar escola, mas as famílias valorizam o ensino aprendizagem educacionais na esperança de oportunidades. Alem de conhecer e valorizar a sua própria cultura na expectativa de defender o direito do seu povo, com esperança de ocupar seu espaço e não ser trapaceado pala sociedade envolvente.

Nessa ultima década a educação esta sendo umas das prioridades para os Galibi Marworno do Kumarumã, alem das outras coisas que também são importantes, a educação escolar nessa comunidade é um destaque para eles, porém os indígenas estão sempre valorizando a participação da escola em quase todos os eventos e atividades comunitários que se realizem dentro da aldeia.

Na década de 1990, aconteceram alguns fatos positivos e negativos no trajeto escolar. No inicio do ano de 1994 aconteceu uma tragédia, a embarcação dos missionários que estava transportando alguns professores para o Kumarumã, naufragou na ponta do mosquito trecho do Rio Oiapoque, morreram afogados quatros pessoas o professor Carlos Picanço, do quadro estadual e a professora Marilene conhecida como Shalom (missionária), entre eles um casal de missionários da igreja Batista. Em virtude desse acidente os outros professores ficaram traumatizados e não quiseram retornar, com isso o período letivo ficou suspenso, que voltou a funcionar em agosto do segundo semestre.

Em 1995 o ano letivo melhorou com a formação de cinco professores indígenas Galibi Marworno, logo eles foram contratados pelo Governo do Estado para trabalharem na escola Camilo Narciso, e com mais dois professores não índio. Em 1996 alem desses educadores o governo enviou mais quatro não índios, com seis monitores indígenas para ensinar o Lekol Kheuol bilíngüe, ou seja, o ensino infantil em Patuá. Esses monitores eram contratados via (APIO) na época seus pagamentos era meio salário mínimo, porém, ficou completo o quadro de professor em Kumarumã. No inicio do ano letivo de 1997 o Diretor Ivanildo L. da Luz, trouxe uma novidade de Macapá, a criação do Caixa Escolar o mesmo reuniu a comunidade e informou sobre o fato e disse que através do caixa o dinheiro viria direto na escola.

Nesse mesmo ano de 1997 no mês de setembro eu, Oberto Maciel Gabriel, assumi a direção da Escola Camilo Narciso. Porém no decorrer do ano seguinte a

comunidade se mobilizou com apoio de lideranças como Paulo Silva ex- cacique de Kumarumã em conjunto conseguiram reivindicar ao governo e na Secretaria Estadual de Educação SEED, via documento à implantação do ensino médio do Sistema Modular, portanto, a primeira turma foi implantada em 1999. No mesmo ano o governo assinou convênio com a APIO, para reformar e ampliar os prédios escolares com contratação de monitores indígenas. A escola do Kumarumã foi contemplada sendo ampliada e reformada, recebeu também mais dois monitores. Todos esses informes foram alguns fatos mais marcante durante essa década. Mas, no decorrer desse período pude observar uma reação dos alunos, com a presença da merenda escolar eles vibravam e se interessavam ainda mais pelo ensino escolar. Observamos também o comportamento de alguns professores não índios que deixavam a desejar e isso às vezes dificultava a nossa administração.

Em 2000 á 2010 a educação deu um salto para o futuro, no ano de 2001 através de articulação política conseguimos implantar a primeira turma de 5ª á 8ª série no sistema modular, antes funcionava o ensino regular do antigo supletivo. Também nesse mesmo ano iniciou as primeiras reuniões da implantação do projeto para o ensino superior indígena da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá). Em 2002 o CEE-Conselho Estadual de Educação analisou a aprovação de currículos específicos para as escolas indígenas que entrou em vigor no dia 14 de janeiro de 2003. No final de 2002 foi fundada a Associação Indígena Galibi Marworno AGM, logo no ano seguinte com essa mesma organização o governo assinou um convênio de educação beneficiando todas as comunidades da região, em kumarumã a AGM contratou professores não índios e mais sete monitores indígenas, alem dos outros que já atuavam como monitores foram incluídos no quadro de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, a organização também apoiava no transporte e combustível.

No inicio do ano de 2004 através da articulação política das lideranças indígenas conseguimos incluir o nome de cinco professores indígenas no contrato administrativo pela SEED, os outros educadores indígenas permaneceram no contrato do convênio via AGM. No mês de novembro de 2004 realizou-se o 1° Fórum Socioambiental dos Povos Indígenas do Oiapoque em kumarumã, na organização do evento e ornamentação do centro comunitário a escola Camilo Narciso disponibilizou todos seus professores para participarem, o professor Nordevaldo se destacou na organização da tradicional dança

do Turé. Durante o encontro vários temas foram apresentados e no tema educação a questão mais discutida foi sobre o projeto para o ensino superior indígena e concurso público específico para professores indígenas.

No ano de 2003 a AGM conseguiu um convênio do governo para formação e complementação pedagógica para professores indígenas que ainda não possuía o magistério que entrou em parceria com o NEI- Núcleo de Educação Indígena. Essa formação foi realizada na aldeia Manga em dezembro de 2003 e finalizaram em fevereiro de 2004, todos os 126 participantes foram diplomados inclusive os 54 Galibi Marworno. Ainda nesse ano, segundo o depoimento do professor Nordevaldo dos Santos, as lideranças já estavam reivindicando para o governo via documento a criação da categoria do professor indígena e concurso específico para professores indígenas. Portanto em 2005 foi aprovada pelo governo essa categoria específica, porem em agosto de 2005 foi realizada o primeiro concurso público para as áreas indígenas, no qual foram aprovados sete indígenas e os outros candidatos aprovados foram os não indígenas. Mas, em janeiro de 2005 foi fundada a OPIMO – Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque. Através de articulação política a gestora da OPIMO em parceria com lideranças e o NEI-SEED conseguiram na justiça o cancelamento desse primeiro concurso que não beneficiou todos os professores indígenas.

Em maio de 2006 foi realizado o primeiro concurso público específico para professores indígenas e em 11 de julho receberam o termo de posse, os Galibi Marworno se beneficiaram com 61 professores, em Kumarumã a escola Camilo Narciso recebeu 35 educadores indígenas que iniciaram suas atividades escolares em agosto de 2006.

No mês de maio de 2007 os professores indígenas do Amapá realizaram o sonho de cursar o ensino superior, através da UNIFAP foi realizado o primeiro vestibular específico, no qual trinta candidatos foram aprovados. Dez vagas foram distribuídas para os Galibi Marworno, com sete candidatos do kumarumã, três das aldeias localizada na BR-156. As outras vagas foram distribuídas para as etnias Karipuna, Palikur, Kaliná, Wajápi, Aparai e Tiriyó. A primeira etapa do curso iniciou em julho de 2007, sediada na aldeia Manga e concluíram em fevereiro de 2011 no Campus de Oiapoque.

Em setembro de 2007 aconteceu um fato triste em Kumarumã, um surto de crise desconhecido que atacava somente as meninas entre 13 a 18 anos, essa maldição foi alastrando, no inicio do mês de novembro essa crise atacou as meninas diretamente na escola e isso gerou uma interferência muito grande no ensino aprendizagem, por conta disso o ano letivo foi suspenso no dia 15 de novembro com aval do NEI-SEED.

Em 2009 o governo aprovou o projeto SOMEI – Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena, para todas as comunidades indígenas de Oiapoque, em junho começou o primeiro módulo. A comunidade de Kumarumã recebeu os primeiros professores do SOMEI com muita satisfação, portanto esses servidores assinaram um termo de compromisso com a educação indígena, eles deveriam obedecer a um regimento de acordo com a realidade de cada etnia determinado pelo NEI-SEED. Nesse projeto foram incluídas duas disciplinas importantes a "Cultura Indígena e a Língua Materna", facilitando o ensino aprendizagem sobre a própria realidade das etnias. Mesmo assim há alguns professores não índios do SOMEI que não estão cumprindo corretamente esse regimento, principalmente quando se trata das aldeias que estão localizadas mais distantes da sede do município.

No inicio do ano de 2009 a comunidade de Kumarumã recebeu uma pedagoga, o objetivo dela era elaborar o PPP Projeto Político Pedagógico da escola, nesse caso como o gestor não tinha sua formação superior completo, então a comunidade decidiu indicar a pedagoga Elizabeth Machado a atual diretora. Porém o Projeto Pedagógico só foi aprovado pelo CEE Conselho Estadual de Educação, após o levantamento realizado na escola pela a equipe técnica da NIOE Núcleo de Inspeção e Organização Escolar, ao ser aprovado pelo CEE a Escola Camilo Narciso passou a ter autonomia própria.

Recentemente a Escola Camilo Narciso possuía aproximadamente 700 alunos com 43 educadores índios e não índios. Atualmente a escola de Kumarumã possui 39 professores indígenas com mais seis professores não índios do ensino SOMEI, e o corpo técnico formado por uma Diretora, um Secretario Escolar e um Diretor Adjunto. Atende uma clientela com mais de 700 alunos do ensino infantil ao ensino médio.

Quanto à saúde nesses últimos anos para os povos indígenas de Oiapoque não foi muito bom. Segundo o Sr. Lucival Roberto dos Santos (técnico em microscopista Galibi Marworno), disse que no final da década de 1970 para os anos de 1980 quando a

FUNAI Fundação Nacional do Índio, administrava a saúde dos povos indígenas os recursos e os atendimentos eram bem melhores, mas quando a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), assumiu ficou mais difícil o atendimento de saúde dos povos indígenas da região.

A saúde dos Galibi Marworno do Kumarumã não teve muito avanço, no final dos anos de 1990 quando a APIO assumiu o convênio de saúde da FUNASA, na época a organização administrou vários recursos. O objetivo era dar uma boa assistência, inclusive nos pólos básicos das maiores aldeias, no inicio até que tentou mostrar serviço, mas aos poucos ela foi ficando inadimplentes nas prestações de contas, e as pessoas das bases foram sofrendo as conseqüências juntamente com a APIO.

Em 1998 a comunidade de Kumarumã recebeu uma equipe de médicos da igreja evangélica vindos de varias parte do Brasil, a ACAV Associação Cristã Água Viva, que na época era administrada pelo professor e pastor Carlos Guilherme. Havia uma embarcação itinerante e voluntaria que atendia a saúde dos povos indígenas, os médicos faziam consultas com vários exames e receitavam medicamentos aos pacientes. Essa missão durou por volta de 3 a 4 anos e o Kumarumã tinha a prioridade por ser a maior aldeia. Alem do presidente da ACAV que trabalhava e morava na comunidade.

Segundo o depoimento do Jonivaldo dos Santos (Técnico de enfermagem Galibi Marworno) o pólo básico de Kumarumã é composto por 22 funcionários, um enfermeiro, quatro técnicos de enfermagem, 10 agentes de saúde, quatro agentes de saneamento, dois pilotos fluviais e um auxiliar de serviços gerais. Disse também que julho a agosto de 2001 houve um surto de malária chegando a 230 casos, as lideranças entraram em contato com o setor de endemia de Macapá para enviar apoio, eles vieram e conseguiram controlar essa enfermidade. Em 2005 surgiu outra doença a "coqueluche" conhecida por "tosse de guariba", essa enfermidade quase causou um surto na comunidade, mas com apoio dos órgãos a doença foi controlada.

Informou ainda sobre as mulheres que consomem os anticoncepcionais sem consultar nenhum médico e isso poderia gerar doenças graves. E ainda algumas mulheres reclamam de dores na região do útero.

Segundo o José Carlos (Técnico de enfermagem Galibi Marworno) a medicina tradicional esta perdendo espaço para os medicamentos da farmácia, quando surgem

simples doenças eles logo procuram o posto de saúde e isso esta viciando as pessoas da nossa comunidade, então quando a doença não é muito grave, logo orientamos a utilizarem os remédios caseiros, muitos seguem a orientação outros não, principalmente quando esta em falta de medicamentos básicos.

Segundo ele, o pajé é um curandeiro muito importante que possui suas receitas tradicionais como as ervas, cipós, cascas das arvores, folhas, brotos etc. Todas elas combatem um tipo de doença. Comentou sobre a diabete e disse que é uma doença que está presente entre nós. Que antes não existia, mas hoje devido o consumo de alguns tipos de alimentação industrializada, foram surgindo além da diabete outra como o colesterol, gastrite, pressão alta, doença cardíaca, obesidade etc. Para todas essas doenças existem diversos tipos de tratamento, principalmente a medicação caseira no combate da diabete.

Segundo informações de moradores da aldeia, como à senhora Elza e o senhor Lucival, na época em que os indígenas viviam em pequenos clãs, no alto rio Uaçá, antes da atuação do SPI, por volta de 1930, quando o governo iniciou o trabalho de concentração dos povos da região, inclusive os Galibi Marworno de Kumarumã, os padres e missionários da igreja católica, já atuavam realizando algumas atividades religiosas, como evangelização e principalmente batizados. Portanto, durante o período da atuação do SPI que buscava formar e organizar Kumarumã, ao longo desse tempo o padre Jorge, havia construído a primeira igreja católica, nesse período vários padres atuaram parcialmente realizando atividades de rotina.

Mas, na década de 1970 foi introduzida diretamente a religião católica, entre os Galibi Marworno, o padre Nello Ruffaldi, através do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), foi o missionário que mais freqüentou esta comunidade, realizando e construindo obras de sua missão, gerando e desenvolvendo uma nova perspectiva de vida para os indígenas do kumarumã. Na época da atuação do CIMI, não foi tão difícil convencê-los a se converterem para o catolicismo, o Padre Nello desenvolveu vários projetos como a compra de sandálias para crianças e adultos, campanha do filtro de água para as famílias, fundou uma cooperativa de comércio, incentivou a construção de roças comunitárias, orientou nas assembléias a reivindicação de seus direitos na demarcação de suas terras, além de saúde, transporte e educação. Então nesse caso, eles

aceitaram ser católicos, com obrigação de realizar batizados anualmente e respeitando os feriados santos, sem interferir nas praticas culturais entre a católica para o tradicional.

Em 1979, com a influencia da religião católica foi construída em mutirão a 2ª Igreja pela comunidade de kumarumã, próximo do local da 1ª igreja construída, e nos anos de 1980 foi reformada e ampliada. Mas durante essas décadas o catolicismo impôs certas doutrinas como batizar os filhos só após o casamento do casal. Em algumas assembléias lideranças levantaram questionamento contrario sobre casamento realizado pela igreja católica e a interferência da religião católica e evangélica na vida dos índios, com posicionamento contrario das lideranças os missionários católicos se afastaram por um tempo das comunidades inclusive do Kumarumã. Antes da atuação das religiões do não índio só aconteciam festas tradicionais, mas com esse afastamento que durou por volta de 1 a 2 anos a comunidade de Kumarumã voltou a realizar festas do Turé, que não aconteciam por alguns anos. Hoje além da tradicional festa do Turé a principal é a de Santa Maria, a padroeira de Kumarumã, essa festa é realizada no período de 02 a 06 e 14 a 16 de agosto. A outra é a festa do perdão dos evangélicos que se realiza no período de 28 a 30 de julho.

Nos tempos mais recentes houve muitas mudanças em relação à religião, a católica foi perdendo espaço para as religiões evangélicas, mas o CIMI não desistiu de seus projetos de assistências nas comunidades indígenas. Em kumarumã foi fundada a 1ª igreja evangélica em 2000, no inicio causou polemica dentro da comunidade, a ponto de gerar divisão entre algumas famílias. Mas também a presença dos missionários evangélicos influenciava as pessoas a se converter, causando contradição nas praticas tradicionais principalmente ao xitotó (ritual do pajé) e a dança do Turé. Hoje varias famílias freqüentam a igreja evangélica e cada vez a evangelização esta ocupando espaço entre a comunidade, sem causar muita interferência.

## Considerações Finais

Com a chegada das tecnologias ocorreram varias mudanças na aldeia Kumarumã, principalmente na vida social da Comunidade. De acordo com pesquisa pude constatar que a formação do Kumarumã surgiu com a implantação da escola e através do interesse do governo para garantir a união dos índios num só local. E a partir daí começou uma nova fase na vida dos Galibi Marworno.

No decorrer da pesquisa pude perceber varias transformações nesses últimos anos do século XXI. Na saúde, pude entender a facilidade de curar as doenças no uso dos antibióticos, deixando a população alienado a ponto de esquecer a medicina tradicional. Na educação os educadores estão incentivando a classe estudantil a valorizar a própria cultura, através de jogos, oficinas e feira cultural, mudou também o habito alimentar dos alunos através da merenda não regionalizada.

Na religião ocorreram às divisões entre a católica e a evangélica, principalmente na festividade cultural como o Turé e a padroeira Santa Maria. No transporte foram as embarcações motorizadas que facilitaram o acesso rápido para as roças, pescarias e ate a cidade de Oiapoque. Na habitação foram as construções de alvenaria e a nova mobilha com eletrodomésticos. Os meios de comunicação como telefone e radio fonia facilitaram o contato, e através da televisão as informações chegam mais rápido. A política gerou divisões interna, causou influencia ao capitalismo. A economia transformou no aumento das produções agrícolas e a base de pequenos comércios.

Com todos esses avanços pude observar o comportamento da população jovem, a maneira como eles valorizam as coisas que vem de fora. Por exemplo, o celular não tem função na aldeia, mas eles utilizam como novidade para ouvir musica.

Quero reafirmar que todas essas mudanças partiram da influência do não índio, por outro lado facilitou muito a vida das famílias. Mas, as conseqüências foram surgindo e alcançando o índio despreparado diante dessas realidades e interferindo principalmente na organização interna e na vida social cultural.

O senhor Arsênio Monteiro[4], já previa nas suas falas a influência da sociedade envolvente nas tecnologias e principalmente a interferência na língua, provavelmente um possível aculturamento. Assim como falou nesta frase: *Meus filhos daqui a cem anos vocês correm o risco de esquecer o Patoá e adotar o Português. Assim como meus pais e nós esquecemos a nossa língua original para adotar o Patuá e Por volta de cem anos sofremos forte influencia dos crioulos da Guiana.*

[4] Indio Galibi Marworno, falecido no ano de 1999.

## Referências bibliográficas

TASSINARI. Imperatriz M. Antonella. No bom da festa O processo de construção Cultural das Famílias Karipunas do Amapá. São Paulo: Edusp, 2003.

GALLOIS Dominique Tilkin; GRUPIONI Denise Fajardo. **Povos indígenas no Amapá e norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam/.** – São Paulo: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena, Museu do Índio, Núcleo de Historia Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo, 2009.

VIDAL, Lux Boelitz. **Galibi Marworno: cotidiano e vida ritual.** – Este artigo foi escrito originalmente em 2000,

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver.** 3 ed. Rio de Janeiro : Museu do Índio e Iepé, 2009.

RICARDO, Carlos Augusto (Org). **Povos indígenas no Brasil.** São Paulo: CEDI 1983.

Currículo de Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas Karipuna e Galibi Marworno no Município de Oiapoque. Coordenadores: Pe. Nello Ruffaldi e Irmã Rebeca Spires. Oiapoque- 2004.

## Fontes orais

**SANTOS**, Jonivaldo Roberto dos. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em 20/03/2011 na aldeia Kumarumã.

**NUNES**, José Carlos. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em 20/03/2011

**FIGUEIREDO**, Elza dos Santos. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em 25/03/2011 na aldeia Kumarumã.

**SANTOS**, Lucival Roberto dos. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em 05/04/2011 na cidade de Oiapoque.

**NARCISO**, Eurico. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em 15/04/2011 na aldeia Kumarumã.

**SANTOS**, Nordevaldo dos. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em 12/05/2011 na aldeia Kumarumã.

**SANTOS,** Felizardo dos. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em janeiro/2010. Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel em 12/05/2011 na aldeia Kumarumã.

**MONTEIRO, Arsênio.** Entrevista realizada por Oberto M. Gabriel e Nordevaldo dos Santos em abril/1996 na aldeia Kumarumã.

## Outros colaboradores

Diniz, servidor da FUNAI /Oiapoque.

Ademir Figueiredo, Pastor indígena da igreja evangélica de Kumarumã.

Alarcídio F. Narciso, professor indígena de Kumarumã.

Rufino C. Pastana, professor indígena de Kumarumã.